



FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS SOB A ÓTICA DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL CRÍTICA

Eixo: Prática Pedagógica e Currículo Escolar
Subprojeto: Inglês

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana
Palloma Rios da Silva (pallomarios@ifba.edu.br)

Palavras-chave: Ensino de Inglês. Formação de Professores. Educação Intercultural Crítica.

1 INTRODUÇÃO

É muito comum entender a aula de inglês em escolas regulares como o ambiente em que se fala da língua de uma cultura dominante, visto que falar inglês é sinônimo de poder. Ainda que os aspectos culturais não estejam presentes em materiais didáticos, e que haja o que Mota-Pereira (2016) denomina de ensino “não cultural”, não há como dissociar língua e cultura. Segundo Mendes (2015, p. 218), “importa compreender que ao ensinarmos língua, estamos ensinando uma *língua-cultura*”, quando se trata do ensino de língua, que cultura devemos ensinar? A dos povos hegemônicos?

Estudar uma língua sob a perspectiva intercultural é entender que diferenças são constitutivas do ambiente escolar, já que “a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade e sim à padronização, à produção em série, à uniformização” (CANDAUI, 2012, p.239). Dessa forma, é preciso que se pense em práticas pedagógicas que propiciem momentos em que a diversidade cultural seja latente, sem sobreposição e é nesse sentido que a educação intercultural vista de maneira crítica (WALSH, 2009) surge como uma proposta contra hegemônica.

Silenciar as diferenças significa padronizar, uniformizar, sob o engodo da tolerância. O silenciamento a que me refiro está presente nos livros didáticos, quando se faz apenas representações de pessoas e lugares de países do norte Global; ou quando há representações estereotipadas; na relevância que se dá aos aspectos da gramática normativa e não variação

linguística que existe também no inglês. É como se houvesse uma hierarquia de povos: o que falam inglês corretamente e os outros.

Pensando na perspectiva de uma proposta intercultural crítica para o ensino de inglês, o presente trabalho é, portanto, o relato de experiência da supervisão de atividades realizadas pelos bolsistas do PIBID-UEFS, subprojeto de Inglês no IFBA-*campus* Feira de Santana. Se faz necessário relatar atividades propostas e realizadas pelos monitores, que são professores de inglês em formação, para que seja possível afirmar a ideia de que a aula de língua inglesa deve ser um solo fértil para intercâmbio de informações.

2 METODOLOGIA

As atividades de subprojeto de inglês no IFBA começaram no início do ano de 2025, mas o ano letivo ainda era 2024, já que estávamos retornando de um período de greve dos servidores federais. Nesse primeiro momento, os bolsistas fizeram observações e realizamos algumas reuniões *online* e presenciais. Durante as reuniões, discutimos textos que tratam da perspectiva intercultural para o ensino de língua inglesa.

A discussão dos textos serviu de base para que os bolsistas pudessem pensar no seu papel como professor brasileiro de inglês, sob a perspectiva intercultural. Questionamentos como “Que língua é essa?”, “Existem culturas mais ou menos desenvolvidas?”, “O que significa pensar no ensino de inglês sob a perspectiva intercultural e decolonial?”, “Que estratégias podemos pensar para que a aula de inglês não seja um ambiente excludente?”, “É possível falar de si, da sua realidade em aulas de inglês?”. Partindo das discussões, bem como das observações feitas, os monitores bolsistas pensaram em propostas de intervenções em sala que seriam aplicadas ao iniciarmos o ano letivo de 2025. As propostas foram compartilhadas em outra reunião e os grupos de trabalho foram divididos (trios e duplas).

Ao iniciarmos o ano letivo de 2025, ainda tivemos um período de observações, já que se tratava do início dos trabalhos do ano letivo. No mês de Maio de 2025, as primeiras intervenções aconteceram, sob a minha supervisão. As equipes foram divididas entre as turmas de 3º e 2º ano do curso de Eletrotécnica integrado ao Ensino Médio.

Durante as reuniões, os bolsistas se mostraram interessados em pensar nas intervenções sob a perspectiva intercultural e decolonial. Foi solicitado a cada equipe um Plano de Ensino para cada intervenção realizada. Os planos de ensino foram entregues e discutidos antes da aplicação para verificar se as propostas estavam de acordo com o nível da turma, bem como com o planejamento proposto para a unidade letiva. E aqui destaco duas intervenções realizadas, quais sejam: 1) Prática Intercultural; 2) Oficina de estratégias de leitura em língua inglesa para o ENEM. Para fim de análises, serão utilizados relatos

apresentados durante as reuniões, bem como planos de ensino propostos pelos estudantes bolsistas.

A proposta intitulada “Prática Intercultural” aconteceu na turma de 3º ano de Eletrotécnica e em parceria com AERI-UEFS, no dia 12 de junho de 2025. A equipe de monitores entrou em contato com Assessoria da UEFS e a monitora responsável pelo projeto e conseguiram a presença de duas estudantes internacionais, uma do Quênia, outra da Venezuela. A segunda intervenção escolhida para fins de análise foi realizada em outra turma de 3º ano do curso de Eletrotécnica, no dia 29 de Agosto de 2025.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as reuniões que fizemos, observei o engajamento dos bolsistas. Foi possível ouvir relatos como: “Eu gostaria que meu professor tivesse feito assim.”; “Essa é o modelo de aula que eu gostaria de ter.”; “É possível perceber como os estudantes se sentem mais interessados.” O que evidencia o ensino “não-cultural” de que trata Ferreira-Mota (2016). Relatos como citados evidenciam a necessidade de se pensar o ensino de inglês sob a ótica intercultural.

Sob minha orientação e supervisão, os bolsistas preparam intervenções que evidenciaram o engajamento das propostas na prática. A começar pela “Prática Intercultural”, na qual foi possível vivenciar um momento de trocas com pessoas (culturas) diferentes da nossa. O tema da aula era “*Routines Around the World*” e a ideia de trazer para o *campus* pessoas de outros países foi muito rica. Os estudantes fizeram perguntas que foram muito além do tópico gramatical “*Simple Present*” que geralmente é trabalhado nesse tema. Conversamos sobre política, comida, danças, gírias, bem como sobre o processo de adaptação das estudantes convidadas na cidade Feira de Santana.

A segunda intervenção intitulada “Oficina de estratégias de leitura em língua inglesa para o ENEM” foi um momento importante para pensarmos o ensino de estratégias de leitura em sob a ótica intercultural. Apesar de no Plano de Ensino proposto pelas estudantes não estar especificado que essa seria o principal ou um dos objetivos, foi utilizado um texto como *warm-up* um texto da Declaração do Direitos Humanos traduzido para “Nigerian Pidgin”, também conhecido como “Naijá” utilizada na Nigéria que é resultado da interação entre línguas indígenas nigerianas, línguas africanas, inglês e português. Nesse momento, ouvimos comentários como “Que língua é essa?”; “Nem parece ser inglês!”; “Parece que a pessoa está aprendendo a falar!”. O que evidencia o pensamento que ainda é dominante no ambiente de ensino de língua inglesa: inglês como sinônimo de poder, inglês como “língua

gramaticalmente correta” e sem variações, pensamento esse que silencia o diferente e potencializa a padronização da visão norte-centrada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua inglesa no Brasil tem passado por significativas mudanças. Métodos por muito tempo utilizados passam por questionamentos e reformulações, visto que foi detectado seu caráter colonial. Não há como pensar no ambiente escolar sem levar em consideração aspectos interculturais, históricos e ideológicos, visto que aprendiz e professor estão em contato com outras maneiras de ver o mundo. As discussões realizadas e as propostas de intervenções pensadas pelos bolsistas e aqui evidenciadas e que tiveram como resultado a participação ativa dos estudantes do IFBA nos mostram que é de fundamental importância pensar na formação de professores de inglês sob a ótica da interculturalidade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Educação & Sociedade, 235–250, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/i/2012.v33n118/>. Acessado em 01 out. 2024.

MENDES, E. **A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2**. Revista EntreLinguas, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203–222, 2015. DOI: 10.29051/el.v1i2.8060. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8060>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

MOTA-PEREIRA, Fernanda. **Non-Cultural to Intercultural Principles: A Proposal for English Classes in Brazilian Public Schools**. Intercultural Education, v. 27, p. 577-586, 2016.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e educação intercultural**. 2009. (Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1GLTsUp2CjT5zIj1v5PWtJtbU4PngWZ4H1UUkNc4LI dA/edit>. Acesso em 10 de setembro de 2025.